

“Onde” não interrogativo no português falado no  
Libolo (Angola) – cotejos com dados  
do cabo-verdiano de São Nicolau

*“Where” no interrogative in portuguese spoken in Libolo  
(Angola) – comparisons with data in Capeverdean from St.  
Nicholas*

Márcia Santos Duarte de Oliveira\*  
Universidade de São Paulo, São Paulo

Maria de Lurdes Zanoli\*\*  
Universidade de São Paulo, São Paulo

Vanderlei Maurer de Andrade\*\*\*  
Universidade de São Paulo, São Paulo

**Resumo:** Nosso objetivo é ratificar a análise parcial sugerida por Andrade (2015a) de que, um conjunto de dados que atestam o “onde” não interrogativo no português falado no Libolo/Angola (PLb) não introduz sentenças relativas, mas sim sentenças com categoria sintático-discursiva. A fim de corroborar nossa análise, nós nos apoiamos em alguns estudos sobre o caboverdiano, variedade de São Nicolau (CSN), desenvolvidos dentro do modelo de interface fonológico-sintático. Nossa conclusão

---

\* Professora Doutora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil. CNPq; FAPESP – Projeto Temático: “A língua portuguesa no tempo e no espaço”; Processo 2012/06078-9. Comunicação com a autora: [marcia.oliveira@usp.br](mailto:marcia.oliveira@usp.br).

\*\* Mestre pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil. Comunicação com a autora: [maluzanoli@yahoo.com.br](mailto:maluzanoli@yahoo.com.br).

\*\*\* Graduando da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil. Comunicação com o autor: [vanderlei.andrade@usp.br](mailto:vanderlei.andrade@usp.br).

é a de que sentenças com “onde” não interrogativo no PLb, e que sempre são seguidos por “é que”, podem estar envolvidas pelo conceito de “highlighter”, um marcador sintático-discursivo. A comparação entre o PLb e o CSN, desenvolvida no trabalho, é feita entre “línguas reestruturadas” (no sentido de Holm, 2004): (i) o PLb, considerada uma língua “parcialmente reestruturada” – ver, entre outros, Figueiredo e Santos (2014); (ii) o CSN, considerada uma língua “completamente reestruturada” – ver, entre outros, Zanolli (2015).

**Palavras-Chave:** “Onde” não interrogativo. Português do Libolo. Caboverdiano de São Nicolau. Highlighter.

**Abstract:** Our goal is to support the partial analysis suggested by Andrade (2015a) that a set of sentences introduced by “where” when in a not interrogative question in the Portuguese spoken at Libolo/Angola (PLb) doesn’t introduce relative sentences, but it introduces sentences with a syntactic discursive category. In order to corroborate our analysis, we take as a basis some studies on the Capeverdean, variety from St. Nicholas (CSN), developed within the syntax-phonology interface framework. Our conclusion is that the sentences with “where”, when in a not interrogative question in PLb, and that is always followed by “é que” (“is that”), can be involved in the concept of highlighter, a syntactic discursive marker. The comparison between PLb and CSN, presented in this paper, is made between restructured languages (following Holm, 2004): (i) the PLb that is considered a partially restructured language – see Figueiredo e Santos (2014) among others; and (ii) the CSN that is considered a fully restructured language – see Zanolli (2015) among others.

**Keywords:** “Where” no interrogative. Portuguese spoken at Libolo. Capeverdean from St. Nicholas. Highlighter.

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta introdução, antes de apresentarmos o objetivo do trabalho e sua organização, iniciamos com breves subseções que visam a informar sobre o conceito de “línguas reestruturadas do Atlântico”; “highlighter” e ainda sobre as duas áreas linguísticas sob enfoque, abordando, também, o *corpus* da pesquisa de Andrade (2015a).

## 1.1 Línguas Reestruturadas do Atlântico e a “categoria” highlighter

Em Oliveira e Holm (2011)<sup>1</sup>, o termo “línguas reestruturadas do Atlântico” é apresentado como um termo técnico relacionado à Linguística de Contato; os autores (op. cit.) ratificam que essas línguas têm línguas africanas como línguas de substrato. Logo, neste trabalho, ao usarmos o termo “línguas reestruturadas do Atlântico”, adotamos proposta que leva em conta o contato linguístico como parte do processo dos dados que estamos analisando – ver Oliveira (2014, p. 431).

As línguas reestruturadas têm sido divididas em “parcialmente” e “completamente reestruturadas” (Holm, 2004, p. 76). Holm (op. cit.) apontou que o fator social mais relevante na determinação da estrutura de uma língua parcialmente reestruturada é a relação demográfica entre falantes nativos e não nativos de uma língua (2004, p. 135-136). Este fato explicaria a razão de línguas parcialmente reestruturadas terem se dado em novas sociedades onde nem o grupo europeu, nem o grupo não europeu tenham sido numerosos o suficiente para suplantarem culturalmente um ao outro. Para o autor (op. cit.), cinco línguas incluem-se no grupo das chamadas “parcialmente reestruturadas”<sup>2</sup>. No entanto outras línguas vêm sendo acrescentadas à proposta de “línguas parcialmente reestruturadas”, como o português falado no Libolo, Angola, que é alvo deste trabalho<sup>3</sup>. Para Holm (2004, p. 24), no grupo das “completamente reestruturadas”, estão as conhecidas línguas crioulas, como o caboverdiano (variedade da

---

<sup>1</sup> Oliveira e Holm (2011, p. 32, nota 6).

<sup>2</sup> Segundo Holm (2004) as cinco línguas de “reestruturação parcial” são: (i) português brasileiro vernacular (PVB); (ii) espanhol caribenho não padrão (ECNP); (iii) inglês afro-americano (IA); (iv) africãns (A); (v) francês vernacular de reunião (FVR). O autor propõe que tais línguas teriam se reestruturado a partir do português, espanhol, inglês, holandês e francês respectivamente. Essas línguas, segundo Holm (2004), diferem, tipologicamente, do conjunto das línguas crioulas, que são, segundo o autor, línguas “completamente reestruturadas”.

<sup>3</sup> Holm e Inverno (2005) incluem o português angolano como língua “parcialmente reestruturada”; Santos e Silva (2012) propõem o português angolano e o português de Guiné-Bissau como “línguas parcialmente reestruturadas”; Figueiredo e Santos (2014) propõem que o português falado em Almojarifé (São Tomé e Príncipe) e o português falado no Libolo/Angola sejam também “línguas parcialmente reestruturadas”.

ilha de São Nicolau, CSN)<sup>4</sup>, alvo deste trabalho. Segundo o autor (op. cit.), as “línguas completamente reestruturadas” se desenvolveram em um contexto social em que o grupo africano foi consideravelmente mais numeroso que o europeu – ver Holm (2004, p. 24).

Holm (2004) enfatiza as vantagens que se pode ter em estabelecer uma tipologia geral entre línguas reestruturadas. Holm (2012) segue nesta direção e compara os traços mais salientes do “africanos” com traços correspondentes no português vernacular brasileiro (PVB), chamando a atenção para construções morfossintáticas que se correspondem em línguas crioulas e em línguas de substrato (mais do que nas línguas fontes do léxico dessas línguas crioulas – as europeias).

### 1.1.1 A “categoria” highlighter

No estudo de Holm (2012), o morfema “que” – alvo de nossa análise na seção 3 – é referido como “highlighter”<sup>5</sup>. O termo “highlighter” foi introduzido na literatura por Holm (1980) e refere-se a uma categoria sintático-discursiva atestada nas línguas do oeste da África e que, mais tarde, foram espalhadas para outras línguas por meio do contato linguístico. O morfema *k'* (que) – que tem relevância na análise realizada neste trabalho – é destacado em Holm (1980) como a categoria “highlighter”. De acordo com o autor (op. cit., p. 372):

[...] there seems to be a syntactic category ‘highlighter’ in the mother tongues of many of the first West Africans who reanalyzed Portuguese, English and French into the pidgins that became the Atlantic creoles.

<sup>4</sup> Abreviaturas do trabalho: [CSN] – cabo-verdiano de São Nicolau; [COP] – cópula; [COMP] – complementizador; [DET] – determinante; [DP] – sintagma determinante; [HAB] – habitual (aspecto); [FOC] – foco; [OBJ] – objeto; [PP] – sintagma preposicional; [PE] – português europeu; [PB] – português brasileiro; [PLb] – português do Libolo; [PROrel] – pronome relativo; [PVB] – português vernacular brasileiro; [Spec, IP] – especificador do sintagma flexional; [1.SG] – a 1.ª pessoa do singular.

<sup>5</sup> Holm (2012, p. 414 (51)) exemplifica o morfema “que” (“that”) por meio do dado do PVB (interrogativo): “Onde que você mora?”.

Sobre o “estado da arte” da partícula *k'* – highlighter – no cabo-verdiano de São Nicolau, ver Svartman et al. (2015).

## 1.2 A Ilha de São Nicolau – Cabo Verde

O arquipélago de Cabo Verde é um país africano, cuja população e língua nativa resultam da expansão marítima portuguesa, fenômeno que levou à mestiçagem entre europeus e africanos das mais diversas variedades. O contato linguístico entre esses povos diversificados<sup>6</sup> (contato esse que também se deu em diversos outros aspectos das culturas desses grupos distintos) deu origem ao crioulo de Cabo Verde, a língua materna dos habitantes das nove ilhas habitadas.

O arquipélago cabo-verdiano, composto por dez ilhas, é dividido em duas grandes áreas dialetais: Barlavento e Sotavento. No grupo de Sotavento, encontram-se as ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava; no grupo de Barlavento, localizam-se as ilhas de Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal, Boavista e Santa Luzia (Baptista, 2002, p.14). Os grupos dialetais supracitados, por sua vez, dividem-se em subgrupos, haja vista que, cada ilha possui seu próprio dialeto. Entretanto, cada grupo dialetal possui um epicentro linguístico: em Sotavento o epicentro é a Ilha de Santiago, a primeira ilha a ser ocupada no arquipélago; já em Barlavento, o epicentro encontra-se na ilha de São Vicente (Lopes da Silva, 1984, p. 36-37).

Neste trabalho, centramos nossa observação (para fins de cotejo com uma pesquisa sobre a área de português) na variedade dialetal da ilha de São Nicolau (CSN), situada na macro-área de Barlavento. A ilha de São Nicolau tem uma população de 14.000 pessoas, distribuídas em uma área de 346 km<sup>2</sup>. De acordo com a história, São Nicolau foi descoberta em dezembro de 1461 por Diogo Afonso, sendo, porém, povoada somente em 1510 por escravos vindos da ilha da Madeira.

---

<sup>6</sup> Segundo Delgado (2009, p. 98), “do código cabo-verdiano fazem parte como línguas de substrato um vasto leque de línguas africanas como, por exemplo, o wolof, o mandinga, malinké, o bambaran, entre outras”. Para Lopes da Silva (1984, p. 32), entre essas línguas, foram as línguas do grupo linguístico mandinga que mais influenciaram a formação do cabo-verdiano.

Dentro do panorama sócio-histórico da formação das línguas crioulas, o cabo-verdiano pode ser classificado como um crioulo do tipo “fortaleza”, haja vista que, dadas as questões climáticas, não foi possível o estabelecimento da agricultura colonial nas ilhas, nem tampouco há relato algum de agrupamentos de escravos fugidos em Cabo Verde<sup>7</sup>. Logo, o que se estabeleceu foi uma situação de “entrepasto comercial” entre as ilhas e o comércio marítimo da Colônia – ver Zanoli (2015, p. 30).

No que diz respeito à formação de línguas crioulas, a literatura aponta para hipóteses de formação “abruptas” e “não abruptas”. Segundo as teorias abruptas, uma língua crioula teria se formado em 100 ou em pouco mais que 100 anos. Assim, ao tomarmos a gênese do cabo-verdiano como foco de análise, podemos dizer que o mesmo se insere na teoria abrupta de formação<sup>8</sup>.

### 1.2.1 O *Corpus* do cabo-verdiano

Para a análise e cotejo com o *corpus* do Português do Libolo, apresentamos o *corpus* utilizado em Lopes e Zanoli (2012) bem como em Zanoli (2015).

O *corpus* constitui-se de gravações com falantes nativos do crioulo de Cabo Verde, da variedade da ilha de São Nicolau, que teve como base um questionário controlado, a fim de obtermos construções com ocorrências de foco e também para a obtenção de sentenças relativas.

---

<sup>7</sup> Segundo Bickerton (1988, apud Arends 1994, p. 15-17), tomando por base o panorama sócio-histórico da formação das línguas crioulas, há três tipos dessas línguas: (i) crioulos de plantação: línguas formadas a partir de um grande número de escravos retirados de seu ambiente de origem, utilizados como mão-de-obra na atividade agroexportadora denominada *plantation*, como ocorreu no Haiti, Jamaica, Guiana, Suriname, São Tomé, Ano Bom e Havaí; (ii) crioulos de quilombo: línguas formadas por um agrupamento de escravos fugidos, como é o caso do saramacan (falado no Suriname); (iii) crioulos de fortaleza: línguas formadas em situações nas quais as populações dominadas teriam se mantido no local de origem, mantendo o uso da língua nativa durante o processo de criouliização, como é o caso do principense falado na Ilha de Ano Bom (São Tomé e Príncipe).

<sup>8</sup> A gênese das línguas crioulas é alvo de uma larga discussão na literatura. Para detalhes, ver: Besten, Muysken e Smith, 1994; Arends, Kouwenberg e Smith, 1994; Arends e Bruyn, 1994; Muysken e Veenstra, 1994, entre outros.

### 1.3 O Município do Libolo/Angola e o *Corpus* do PLb

O município está localizado em uma área habitada por falantes nativos do quimbundo L1 – variedade libolo ou ngoya (Angenot et al. 2011); essa região está inserida na zona H.20, em área de transição para a zona R.10 (Gutherie, 1948), ocupada por povos ovimbundo, falantes do umbundo. O município do Libolo é composto por quatro comunas administrativas (Calulo, Munenga, Cabuta e Quissongo) que pertencem à Província do Kwanza-Sul – ver Figueiredo e Oliveira (2013, p. 118-119). A região conflui tanto com zonas de falantes de outras variedades do quimbundo, como kissama e kibala, quanto com áreas nas quais os falantes utilizam o songo, bem como com regiões onde o umbundo predomina. Segundo Delgado (1944b, p. 422), as primeiras descrições de conflitos no Libolo surgiram em 1644 e 1645, quando foram enviados combatentes à região para lutarem contra os nativos que se rebelaram contra a coroa portuguesa. Entretanto, essas primeiras tentativas de adentrarem o interior do país fracassaram, haja vista que as forças portuguesas foram massacradas pelos jagas, habitantes da área.

Chama-se a atenção para o fato de que, somente no século XIX, foi traçado novo plano de tentativa de colonização do interior de Angola pelos portugueses, o qual novamente não obteve êxito, e acabou por desanimar os comerciantes que pretendiam se fixar no local – Figueiredo e Oliveira (2013, p. 119). Entretanto, em 1893, os padres Manuel Gonçalves de Sousa e Joaquim de Oliveira Gericota foram incumbidos de instalar uma missão católica em Calulo, “... onde já foram encontrar sete comerciantes na localidade, para além de alguns outros, vivendo em prometedoras roças de cana-de-açúcar nas redondezas da povoação.” (Figueiredo e Oliveira, 2013, p. 119). Ainda segundo os autores (op. cit.), até 11 de novembro de 1975, quando se deu a independência de Angola, a região do Libolo permaneceu em paz. Porém, antes da independência de Angola, os três grupos nacionalistas que tinham combatido o colonialismo já vinham lutando também entre si, por motivos que se reconhecem, hoje, “tribais”. Esse fato levou um enorme contingente de portugueses a abandonarem a ex-colônia entre 1974 e 1976, agravando bastante a situação econômica do país. Os três movimentos de libertação, o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) – os três de maioria étnica distinta – iniciaram um conflito armado em 1977,

visando ao controle de Angola e originando uma longa guerra, que se prolongou por quase trinta anos. O país foi arruinado.

Figueiredo e Oliveira (2013, p. 173) apresentam a proposta de que tendências e extensões de variação patentes no português que é falado no Libolo (PLb) permitem reclamar essa área de fala do português em Angola como um caso de mudança consumada, que permite que se reclame o estatuto nacional de variedade para o português angolano.

### 1.3.1 O *Corpus* da Pesquisa de Andrade (2015a)

Neste trabalho, apresentamos uma análise e cotejo de certo tipo sentencial, a partir da pesquisa de Iniciação Científica de Vanderlei M. Andrade, que realiza uma análise inicial de “sentenças relativas” no Português falado no Libolo<sup>9</sup>. O *corpus* da pesquisa de Andrade (2015a), em que centramos nossa análise na seção 3 – é um “*corpus* parcial” que é parte dos *corpora* do Projeto Libolo (PL) – sobre o PL, ver Figueiredo e Oliveira (2016). Os *corpora* do Projeto Libolo constituem-se, até então, de dados de fala do PLb, coletados no Município do Libolo em 2011 e em 2013; os dados de 2011 foram coletados por um dos coordenadores do Projeto Libolo, o professor Carlos Figueiredo<sup>10</sup>, e em 2013 por um grupo de pesquisadores ligados ao referido projeto. A organização do *corpus* segue uma metodologia direcionada para o Projeto Libolo que se vê em Bandeira et al. (2014).

Os dados coletados encontram-se em fase de transcrição e estão sendo compartilhados entre os membros da equipe do Projeto Libolo e de seus orientandos e ainda entre parceiros do projeto. Parte das gravações realizadas em 2013 encontra-se transcrita e revista. No momento, cerca de 270 minutos de gravações realizadas em 2011, após terem sido transcritas por alunos do curso de IELP II-2014<sup>11</sup>, encontram-se em fase de revisão

<sup>9</sup> As ideias apresentadas neste trabalho foram apresentadas por seus autores no Congresso Internacional da ACBLPE – ver Oliveira, Zanoli e Andrade (2016).

<sup>10</sup> Professor doutor do Departamento de Português da Universidade de Macau, China.

<sup>11</sup> É parte da ementa da disciplina de IELP II (Introdução aos Estudos de Língua Portuguesa II) do curso de Letras da USP, a realização de uma transcrição de fala. Ressaltamos que os créditos dos trechos transcritos serão devidamente concedidos aos alunos, cujos nomes constarão nas referências bibliográficas da transcrição da qual participaram. Em 2014, os



por coordenadores de revisão de dados do Projeto Libolo. Vanderlei Maurer Andrade, um dos autores deste trabalho, participou de uma das turmas de IELP II-2014 e transcreveu, portanto, parte de um *corpus* da área de fala que vem sendo denominada de PLb.

#### 1.4 Objetivo e Organização

Neste trabalho, centrado em dados com o pronome WH “onde” não interrogativo, propomos o cotejo entre duas línguas reestruturadas (no sentido de Holm, 2004): (i) o português do Libolo, Angola (PLb) – ver, entre outros, Figueiredo e Santos (2014); (ii) o cabo-verdiano de São Nicolau (CSN) – ver, entre outros, Zanoli (2015). Ratificamos a análise parcial de Andrade (2015a), de que um conjunto de sentenças com “onde” não interrogativo em PLb não introduz sentenças relativas, mas, sim, sentenças marcadas para o discurso – como as chamadas “clivadas” na literatura; valemo-nos, parcialmente, da análise de Svartman et al. (2015), entre outros, para embasarmos nossa proposta, envolvendo o cotejo entre essas duas línguas. Nossa conclusão é a de que um conjunto de sentenças com “onde” não interrogativo no PLb são sentenças com uma marcação discursiva, haja vista serem seguidas por “é que”. Estamos ligados, ainda, a trabalhos recentes enfocando o PLb (e o CSN), que desvinculam o “é” da análise de verbo copulativo e ainda o elemento “que” da análise de complementizador ou de pronome relativo. Ratificamos, portanto, a análise de Jorge, Oliveira e Santos (2015), entre outros, que propõem que “é que” sejam duas categorias que, em conjunto, são um domínio para uma posição discursiva (logo, esse tipo sentencial não faz parte de uma estrutura clivada – biclausal). Atrémos ainda o elemento “que” que segue as sentenças com “onde” não interrogativo em PLb a um conjunto de estudos apontados na literatura que o denominam de “highlighter” (ver 1.1.1. acima).

Este trabalho está dividido em quatro seções além desta seção introdutória. Na seção dois, apresentamos breves considerações sobre o referencial teórico em que nos baseamos para referendar o estudo sob enfoque; na seção três, nos dedicamos ao estudo preliminar que envolve o trabalho: uma pesquisa inicial de relativas, enfocando o pronome “onde”

---

alunos “transcritores” de IELP II estavam sob a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Márcia Oliveira, uma das coordenadoras do Projeto Libolo.

não interrogativo no PLb e o cotejo dessas sentenças com dados similares no CSN. Nas seções quatro e cinco, são apresentadas, respectivamente, as considerações finais sobre a análise de “onde” não interrogativo, seguido de “é que” em PLb e as referências bibliográficas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO – BREVES CONSIDERAÇÕES

Nesta seção, introduzimos considerações acerca do quadro teórico assumido neste trabalho para a análise fonológica, especificamente, a prosódica: a teoria da Fonologia Entoacional Métrica Autossegmental, doravante, Fonologia Entoacional. Apresentamos, também sucintamente, aspectos do processo sintático “clivagem”, uma estratégia discursiva de marcação de foco, e aspectos sobre a oração relativa.

### 2.1 Abordagem Fonológica: a Fonologia Entoacional

A Fonologia Entoacional<sup>12</sup>, conforme descrito em Svartman et al. (2015, p. 272), propõe uma descrição universal para a entoação, pressupondo que há uma organização fonológica da entoação. Segundo as autoras (op. cit.), a entoação é tratada a partir de contornos entoacionais que podem ser considerados como uma sequência de unidades discretas, chamadas de eventos tonais, alocados em pontos específicos da cadeia segmental. Assim, a representação fonética da sequência de eventos tonais consiste no contorno da frequência fundamental (F0).

No tocante aos eventos tonais, pode-se dizer que os mesmos são definidos do seguinte modo:

[...] pela relação de contraste quanto ao critério da altura, sendo atribuídos os símbolos H (high) para tons altos e L (low) para tons baixos. Além do uso dos símbolos “H” e “L”, há também outras convenções utilizadas para a representação das variações de altura: (i) “!” antecedendo um

<sup>12</sup> Sobre Fonologia Entoacional Métrica Autossegmental, ver: Pierrehumbert, 1980; Pierrehumbert e Beckman, 1986; Ladd, 1996, 2008; Jun, 2005, 2014, entre outros.

“H” (iH) significa “achamento” (denominado downstep ‘degrau abaixo’) do nível, em escala de F0, de um tom H em relação a outro tom H imediatamente precedente; e (ii) “i” antecedendo um “H” (iH) significa ascendência abrupta (denominada upstep ‘degrau acima’) do nível, em escala de F0, de um tom H em relação a outro tom H imediatamente precedente. Os eventos tonais ainda podem ser simples (monotonais: H ou L) ou complexos (bitonais: LH ou HL) e compreendem dois tipos: os acentos tonais e os tons relacionados a fronteiras. Os acentos tonais são associados a sílabas proeminentes na cadeia segmental e são representados pelo alvo de altura (H ou L) seguido de asterisco (\*). Os tons relacionados a fronteiras são os tons de fronteira (boundary tones: L% ou H%), relacionados a fronteiras prosódicas maiores (por exemplo, fronteira de fim de enunciado), e os acentos frasais (phrasal accents: L- ou H-), relacionados a fronteiras prosódicas menores (por exemplo, fronteira de fim de sintagma). (Svartman et al., 2015, p. 272)

A descrição e análise prosódica de dados têm sido feitas por meio de programas específicos. Uma ferramenta usada pelos pesquisadores, e bastante citada na literatura, é o programa Praat, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, em 1992.

## 2.2 Clivagem: uma operação sintática

Nesta subseção, tratamos brevemente do processo sintático da “clivagem”, uma estrutura conhecida na literatura como “estrutura biclausal” – (Braga, Kato e Miotto 2009, entre outros). Consideradas sentenças marcadas, assim como as pseudoclivadas, as sentenças clivadas são o resultado de uma operação de “ensanduichamento” de um determinado sintagma da sentença entre a “cópula” e um “que” – Svartman et al. (2015, p. 269).

Observe o exemplo abaixo:

(1) Foi um livro *i* que o Eduardo comprou *\_* *ti* (e não um relógio)

Como destacam Svartman et al. (2016, p. 269), a operação que exemplificamos em (1) é feita para destacar sintaticamente o “foco”, seja o foco assertivo ou informacional, ou o foco contrastivo (os tipos de foco atestados na língua portuguesa). Para Costa e Duarte (2001, p. 631), sentenças clivadas são estruturas que envolvem movimento A-barra<sup>13</sup>, mas não implicam movimento-WH para fora do domínio em que se dá a relação de identificação. Costa e Duarte (2001, p. 627) afirmam ainda que:

[...] as clivadas são estruturas identificacionais em que a relação de identificação se estabelece entre dois termos de uma mini-orção (SC - Small Clause), e os constituintes clivados deslocam-se de uma posição interna à SC para [Spec, IP]. Os autores afirmam, ainda, que todos os tipos de clivadas são derivados de duas estruturas identificacionais subjacentes.

De modo geral, construções clivadas são vistas na literatura como estruturas que contêm relativas (ver, entre outros, Braga, Kato e Miotto 2009, p. 283). Entretanto, muitos trabalhos a respeito de clivadas e foco vêm assumindo outra postura: a leitura semântica da clivagem que se observa em Modesto (2001), ratificada em Miotto e Negrão (2007). Para Miotto e Negrão (op. cit.), nem toda construção em que um dado elemento ocorre “ensanduichado” entre a cópula e a palavra “que” contém uma relativa, diferentemente do que afirmam Braga, Kato e Miotto (2009, p. 283). Assim, Miotto e Negrão (2007, apud Modesto, 2001, p. 37), “tomam as leituras de ‘contraste’, ‘exclusividade’ e ‘exaustividade’ como as principais características das construções clivadas, ao lado da ‘leitura especificacional’”. Para detalhes, além desses autores, ver Svartman et al. (2015, p. 270).

### 2.3 Sentenças relativas

A seguir, inserimos um esboço acerca de sentenças relativas:

[...] sentenças relativas restritivas que representam a variante padrão (relativamente ao padrão, no português europeu (PE) e no português brasileiro (PB)): (i) há um

<sup>13</sup> Movimento de elementos para posições não argumentais.

gap (uma posição vazia, um vestígio) na sentença encaixada (subordinada), ou seja, não se observa, na encaixada, presença de pronome resumptivo (independentemente de a ‘função’ ser ‘sujeito’; ‘objeto direto’; ‘objeto indireto’ etc). Em (1), exemplificamos o gap, representado por espaço, na sentença relativa, “copiadora”:

(1) O rapaz [ com quem Joana trabalha \_ ] é da ilha de São Nicolau

(ii) Há pied-piping (PP+DP) relativamente a constituintes com Caso oblíquo (grosso modo: OI; sintagmas locativos; os que indicam posse/origem etc). Em outras palavras, não há ‘ausência’ de preposição (cortadora); nem constituintes descontínuos, com resumptivo na encaixada (copiadora) como se observa no exemplo (1) acima em que há pied-piping do sintagma preposicional<sup>14</sup>.

(iii) Em muitas construções, o pronome relativo que não sofre restrições; no entanto, outros pronomes relativos também são usados em correspondência às ‘funções’ e ‘traços’ como quem, em que, etc. Observe o exemplo em:

(2) O professor [que mais admiro \_] não está mais na Universidade

(iv) As características estruturais (i)-(iii) acima correspondem à estratégia relativa considerada canônica: a construção de uma relativa implica o movimento sintático – movimento-wh (de um constituinte), no caso, o constituinte relativo que é movido para uma posição à esquerda da sentença encaixada, deixando, no seu lugar de origem, um vestígio (gap). As estratégias não canônicas são chamadas

<sup>14</sup> Em estratégias não canônicas, a sentença (1) seria proferida como o exemplo (3), sem pied-piping do sintagma preposicional, ou como o exemplo (4), com a presença de um pronome resumptivo (lembrete). Oliveira et al. (2015, nota 23; dados renumerados).

“cortadora” e “resumptiva”, que são exemplificadas pelos exemplos (3) e (4) a seguir:

(3) O caderno [que Jonas comprou \_] é enorme (cortadora)

(4) A aluna [que o professor falou dela] é bem inteligente (resumptiva ou pronome lembrete).

(Oliveira et al., 2015, p. 167-168)

Vários trabalhos evidenciam a importância acerca das pesquisas enfocando estruturas relativas que, grosso modo, têm sido centradas nas estratégias não padrão; os estudos no português brasileiro sobre as estratégias não padrão são significativos – ver Tarallo (1983), Ribeiro (2009), entre outros. Além das estratégias canônicas e não canônicas de relativas esboçadas acima, a literatura aponta também as relativas do tipo “livre”, ou seja, relativas sem antecedente – ver Negrão (1994). Abaixo, apresentamos dois exemplos de orações relativas livres com variação do pronome “onde” no português afro-indígena (uma variedade do português vernacular brasileiro (PVB)) por meio do dado (2):

(2) (...) ele morava em Capanema mas antes ele morava aonde tem uma mangueirona grossa, bem ali onde ele passa no carro ... (Oliveira et al., 2015, p. 168; dado (38), renumerado).

Ao fazermos, nesta subseção, observações a respeito de sentenças relativas, chamamos a atenção para seu estudo no cabo-verdiano. Cabe ressaltar que Lopes (2012, p. 102), ao analisar sentenças relativas, as denomina de: “[...] ‘sentenças neutras’, ou seja, sem marcação de foco” – já que o cotejo em Lopes (2012) se dava entre relativas e sentenças com foco (clivadas). A interpretação de sentenças relativas como sentenças neutras – Lopes (op. cit.) – também é ratificada por Lopes e Zanoli (2012). Entretanto, em Ambar (1992, p. 45) se percebe que ordem “neutra” ou “básica” deve ser entendida como “ordem menos marcada” (ou não marcada). Nesse sentido, Zanoli (2015), ao analisar o CSN, vai em sentido oposto à interpretação de Lopes (2012) e de Lopes e Zanoli (2012), de

que sentenças relativas, embora sem marcação de foco, sejam sentenças neutras. Para Zanoli (2015), sentenças relativas não são sentenças neutras; a autora (op. cit.) ratifica sua interpretação no CSN por meio da Ferramenta Praat. Ao submeter uma sentença tida como relativa no Praat, Zanoli (op. cit.) observa um evidente abaixamento da tessitura entoacional da relativa, demonstrando a não neutralidade desse tipo de oração. Por sua vez, ao aplicar uma sentença tida como neutra no Praat, Zanoli (2015) atesta o contrário: a figura Praat de uma sentença neutra em CSN não atesta nenhuma condição de licenciamento específico – no sentido de Âmbar (1992, p. 45). Zanoli (op. cit.) demonstra, portanto, por meio de uma análise entoacional, a diferença entre os dois tipos de sentença: uma relativa e uma neutra em CSN.

### 3 “ONDE” NÃO INTERROGATIVO NO PLB – O COTEJO COM “CLIVADAS” EM CSN

Nesta seção, apresentamos estudo sobre um conjunto de sentenças com pronome “onde” não interrogativo no PLb; faz-se um cotejo, no estudo, com estruturas no CSN. Antes, brevemente, introduzimos a “problematização”, seguida de uma resenha de análises envolvendo orações relativas e “clivadas” em CSN; essas sentenças atestam “é k” – “é que”, ou seja, uma mesma sequência de elementos que segue um conjunto de sentenças com onde não interrogativo em PLb.

#### 3.1 Apresentação do Problema

O estudo preliminar de Andrade (2015a) sobre relativas no PLb atesta, a partir dos dados analisados, que a maioria das sentenças relativas em PLb são introduzidas pelo pronome relativo “que” sem pronome resumptivo como em:

PLb – Andrade (2015b, dados renumerados)

(3)a. o tempo *que* eu saí lá na Ciele

b. Este parque infantil *que* está aqui atrás

Figueiredo, Jorge e Oliveira (2015) corroboram o estudo de Andrade (2015b) ao afirmarem que há comprovação empírica de que, nas relativas restritivas no PLb, não há preenchimento de posições argumentais por elementos *resumptivos*<sup>15</sup>. O estudo de Andrade (2015a) chama a atenção, contudo, para um conjunto de construções em PLb envolvendo o pronome “onde” não interrogativo. O autor (op. cit.) investiga essas sentenças, a fim de poder analisá-las no conjunto das “relativas livres” haja vista serem introduzidas por um pronome-WH não interrogativo e não terem antecedente. Atente-se para os exemplos em (4):

PLb – Andrade (2015b, dados renumerados)

(4)a. ...vivia ao lado do aeroporto, *onde é que* eu tenho a minha casa, ao lado do aeroporto ...

b. ... ficô ficô... *onde é que* tô vir que fareceu minha mulhê

Em sua argumentação, Andrade (2015a) afirma que o pronome “onde” em PLb, em dados como em (4), “destoa” da análise de sentenças relativas livres, observadas na literatura. Atente-se para o exemplo a seguir em (5):

Português Brasileiro (PB) - Brito e Duarte (2003, p.766 dado (4), renumerado).

(5) Moro *onde* encontrei a casa mais barata.

Logo, cotejando o conjunto de sentenças (4) e (5) acima, ratificamos o questionamento realizado em Andrade (2015b): “o pronome onde não interrogativo em PLb – como em (4a,b) – poderia ser analisado como introdutor de relativas livres assim como é analisado em (5), em PB?”

Neste trabalho, ratificamos a análise inicial de Andrade (2015a), de que a resposta à pergunta do parágrafo acima seria “não”. Atentamos,

<sup>15</sup> Por outro lado, Figueiredo, Jorge e Oliveira (2015) atestam, nos dados investigados, relativas com resumptivos (advérbios pronominais como “lá”, entre outros), quando as posições de origem de elementos a serem relativizados codificam locativos. O dado abaixo, dos autores (op. cit.), exemplifica o fato: PLb – Figueiredo, Jorge e Oliveira (2015, renumerado): *relativa com resumptivo “locativo”*:

(i) em Cabinda há os outo que vão viajar lá [ALJERM1]



como Andrade (2015b), para o fato de que o pronome “onde” não interrogativo em dados do PLb, como em (4), tenha sido atestado em um conjunto de construções seguidas por “é que”, a qual Andrade (op. cit.) chama de “[...] estrutura similar a de clivagem”<sup>16</sup>. Logo, o elemento “que” em (4) não pode ser considerado um pronome “onde” relativizador em PLb. Assim, sentenças como as em (4a,b) em PLb, contendo “onde” não interrogativo, nos levou a um cotejo com outros trabalhos relacionados a orações relativas e às denominadas clivadas e envolvendo ainda o elemento k’ “que”, tendo como base o CSN.

### 3.2 O k’ “que” em Sentenças Relativas e em “Clivadas” em CSN

Zanoli (2015) e Svartman et al. (2015), entre outros, cotejam dados de relativas e de “clivadas” a fim de, por meio de uma análise de interface fonológico-sintática, buscarem diferenças entre as duas sentenças em CSN, quando introduzidas pelo elemento k’ “que”, o mesmo elemento com que nos deparamos em sentenças com “onde” não interrogativo em PLb – ver (4a,b).

Em (7), exemplificamos uma sentença relativa em CSN, antecedida por sua sentença-contexto, e em seguida apresentamos uma simplificação da análise entoacional da relativa, baseada em sua figura Praat (que é omitida por questão de espaço). Os dados (renumerados) e a análise são de Zanoli (2015):

Sentença-contexto da Relativa

(6) Kas mnina é k’ torna ben oj?

Quais meninas COP COMP voltar vir hoje?

Quais meninas voltaram hoje?

<sup>16</sup> Importante ressaltar que, em dados recentes, pertencentes aos *corpora* do Projeto Libolo (atestados em pesquisa de campo de Márcia Oliveira no Libolo/Angola (em julho de 2016)), verificam-se sentenças com o pronome “onde” não interrogativo em PLb, sem a presença de “é que”. Veja-se o exemplo em PLb: (i) “A Rucca dormiu onde você lhe deixou.” No entanto, neste trabalho, a análise recai sobre sentenças com pronome “onde” não interrogativo seguidas de “é que” no PLb.

(7) Oração Relativa

Uns menina k' robô m goeba torna ben oj  
 DET meninas PROrel roubar 1.SG.OBJ goiaba voltar vir hoje  
 Umás meninas que me roubaram goiaba voltaram hoje.

A análise de Zanoli (2015), a partir da Figura Praat da relativa em (7), aponta para um “achatamento (em escala de F0) da gama de variação da curva entoacional (pitch range)”; isso se se compara ao trecho antecedente da oração, o que evidencia a posição da sentença relativa [k'robo-m goeba] “que me roubaram goiaba” – para detalhes da análise, ver ainda Svartman et al. (2015, p. 287). Em (9), introduzimos uma sentença “clivada” em CSN, antecedida de sua sentença-contexto. Em seguida, simplificadamente, apresentamos a análise entoacional da “clivada” a partir da imagem Praat (omitida por questão de espaço). Os dados, renumerados, e a análise são apresentados em Svartman et al. (2015):

Sentença-contexto da Clivada

(8) Nton, na Saninklau galinha é k' ta kmê midj?  
 Então em São Nicolau galinha COP COMP HAB comer milho  
 Então, em São Nicolau as galinhas é que comem milho?

(9) Clivada com Marcação de Foco no Constituinte “Sujeito”

Naun,	ôz	é	k'	ta	kmê	midji
Não	asno	COP	FOC	HAB	comer	milho

Não, asno é que come milho.

Diferentemente da relativa em (7), também introduzida por k' “que”, a sentença (9) apresenta outro padrão entoacional. Resumidamente, segundo Svartman et al., (2015, p. 288), baseadas na análise da figura Praat da sentença (9), há uma “... ascendência da curva entoacional ... associada ao ‘sujeito’, focalizado ‘ôz’, ‘asno’...”; há ainda “... manutenção da gama de variação da curva entoacional após esse elemento até o último item

lexical da sentença, ‘midj’, ‘milho’...”. Chamamos a atenção para um ponto especial na análise de Svartman et al. (2015) e que nos interessa nesta seção: Svartman et al. (2015, p. 290-294), a partir da análise entoacional da sentença (9), afirmam que a proposta de distribuição, na estrutura sintática, dos elementos apontados como cópula (é) e partícula de foco (que) não é capaz de explicitar resultados da análise entoacional de (9) quanto à ascendência da curva entoacional associada ao elemento “ôz”, “asno” e à manutenção da gama de variação da curva entoacional após esse elemento. Para as autoras (op. cit.), a manutenção da gama de variação da curva entoacional após o elemento “focalizado” “ôz”, “asno” aponta para a necessidade de se analisar o fenômeno entoacional em (9) não como duas orações – como o que se dá na análise de uma estrutura “clivada” –, mas sim como um fenômeno sintático monoclausal. As autoras (op. cit.) propõem uma análise em sintaxe minimalista, a fim de abordar sua análise prosódica. Tal proposta, que pode ser vista em Svartman et al. (2015, dados (37 a,b,c)) não será explicitada por nós neste trabalho. No entanto, ratificamos a hipótese das autoras (op. cit.) de que “é”, em sentenças como as em (9), não seja um verbo copulativo; ratificamos ainda a proposta das autoras (op. cit.) de que o elemento k’, em sentenças como em (9), não seja complementizador, nem pronome relativo. Os elementos “é k’ ” “é que” em (9) são analisados por Svartman et al. (2015, p. 294) como duas categorias que, em conjunto, são um “marco” para uma posição discursiva, no caso a posição de foco.

### **3.3 A Análise de “é que” em sentenças com “onde” não interrogativo em PLb**

Nesta subseção, apresentamos a proposta do trabalho que se desenvolve a partir de pesquisa sobre relativas no PLb – Andrade (2015a) – e o cotejo dos dados do PLb com dados do CSN – a partir do estudo de Zanoli (2015) e Svartman et al. (2015). A comparação entre o PLb e o CSN será tratada como “cotejo entre línguas reestruturadas”, no sentido de Holm (2004) – ver (1.1.). Quanto ao referencial teórico, seguimos Svartman et al. (2015), entre outros. Svartman et al. (op. cit.), como visto, ao apresentarem dados relacionados às orações relativas e às denominadas “clivadas” no CSN, ratificam duas estruturas prosódicas distintas, associadas a dois tipos

de estruturas sintáticas nessa língua; ratificam também diferentes análises para a partícula *k* “que”, que introduz essas sentenças.

Decidimos comparar (como se vê em Svartman et al. (2015, p. 286-294)), ainda que inicialmente, as características entoacionais de sentenças com “onde” não interrogativo – seguidas por “é que” – com sentenças tipicamente relativas em PLb. O objetivo, tal qual se atesta em Svartman et al. (op. cit.), foi o de ratificarmos a hipótese de que o “que” de uma e de outra sentença em PLb não têm a mesma natureza sintática.

Seguindo, portanto, a hipótese de Andrade (2015a), de que “onde” não interrogativo em PLb seja elemento relacionado ao discurso – ver (4a,b) –, submetemos a sentença (4b) à ferramenta Praat.

Abaixo, apresentamos a sentença (4b), renumerada, seguida da Figura 1, que atesta seu contorno entoacional:

PLb – *onde* não interrogativo

(10) ... ficô ficô... *onde é que* tô vir que fareceu a minha mulhê

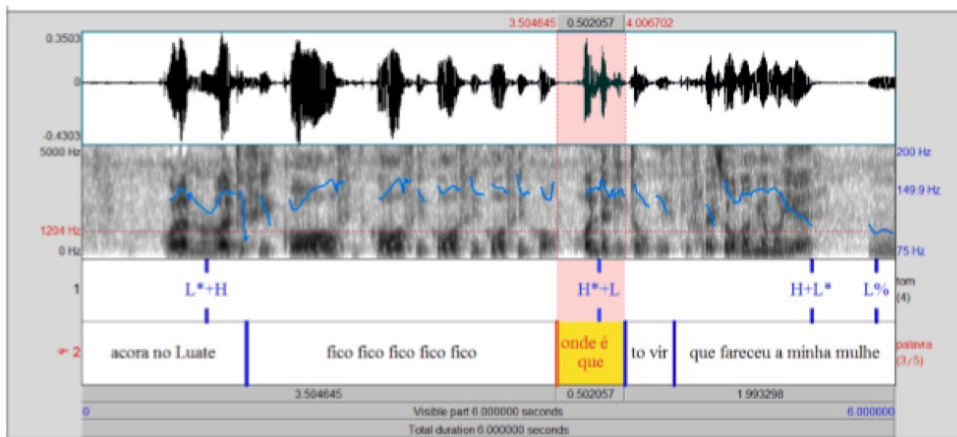


Figura 1 – Contorno entoacional de sentença produzida por um falante nativo do Libolo, Angola. Fonte: Andrade (2015b).

Ao observarmos a Figura 1, apontamos as seguintes características entoacionais da sentença (10) com “onde” não interrogativo no PLb : (i) ascendência da curva entoacional (marcada pelo acento tonal H\*+L),

associada ao termo “onde” – ressaltamos que, em outras sentenças do mesmo tipo e analisadas, o padrão tonal associado a “onde” mantém-se o mesmo; (ii) manutenção da gama de variação da curva entoacional após esse elemento até o último item lexical da sentença, que se encontra associado ao acento tonal H\*+L.

Interessantemente, nossa análise prosódica de “onde” não interrogativo em PLb, como vista a partir da Figura 1, assemelha-se à análise prosódica de Svartman et al. (2015, p. 286-294) para sentenças com marcação de elemento discursivo em CSN (que as autoras chamam de “foco”) – comparar a Figura 1 acima a Svartman et al. (2015, p. 290) – veja ainda subseção 3.2. acima. Este fato ratifica a proposta de Andrade (2015a), de que “onde” não interrogativo seguido de “é que” não seja uma sentença relativa em PLb.

Assim como observamos, o padrão entonacional de sentenças com “onde” não interrogativo no PLb, atentamos para a observação de “típicas relativas” na língua. Abaixo, apresentamos a sentença relativa (3b), renumerada, seguida da Figura Praat 2:

(11) PLb – *sentença relativa*

Esse parque infantil que está aqui atrás

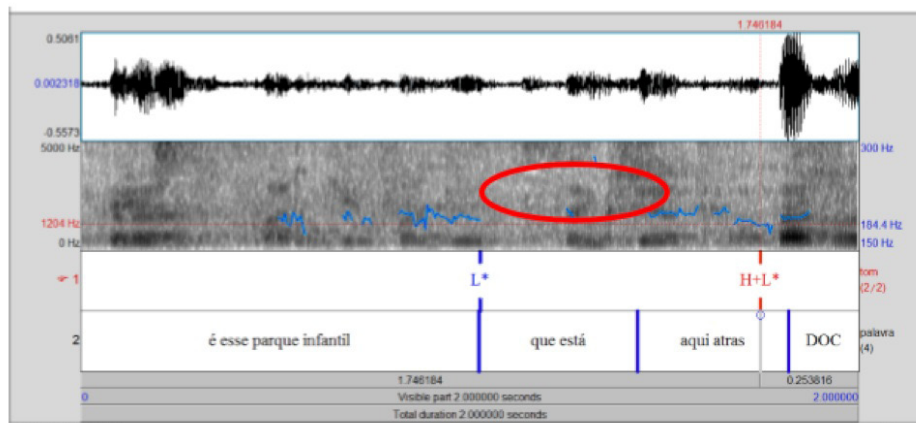


Figura 2 – Contorno entoacional de sentença relativa produzida por um falante nativo do Libolo, Angola. Fonte: Andrade (2015b).

Da figura 2, é possível observar um achatamento (em escala de F0) da gama de variação da curva entoacional (pitch range) logo após o sintagma [é esse parque infantil]; percebe-se o acento tonal L\*, associado ao sintagma [esse parque infantil]; percebe-se também a ausência de acento tonal associado a itens lexicais da relativa (ver círculo em vermelho na Figura 2). Há uma descendência da curva entoacional ao final da relativa, marcada pela associação tonal H+L\*, que retoma o tom associado a [esse parque infantil], trecho que antecede a relativa. O “achatamento” na relativa, na Figura 2, se comparado com a Figura da relativa em CSN, que também atesta “achatamento” – ver Svartman et al. (2015, p. 293) – parece não ser tão evidente. Contudo, o “achatamento” que se vê na Figura 2 é suficiente para que se ateste a diferença do padrão entoacional da sentença com “onde” não interrogativo seguido de “é que” – compare a Figura 2 com a Figura 1.

Ratificamos, portanto, a hipótese de Andrade (2015a) de que sentenças com “onde” não interrogativo, seguidas por “é que” no PLb – como em (10) – não sejam sentenças relativas livres, mas sim um tipo de sentenças “marcadas discursivamente” – no sentido de Âmbar (1992, p. 95) – ver subseção 2.3 acima. Logo, sentenças como (10) em PLb são sentenças com interação sintático-discursiva. Está fora do escopo deste trabalho, no entanto, a investigação do “elemento discursivo” atestado nessas sentenças sob enfoque nessa variedade de português; esse fato merece, no entanto, maior investigação.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE “ONDE” NÃO INTERROGATIVO SEGUIDO DE “É QUE” EM PLb**

Na seção acima, apresentamos a proposta do trabalho, desenvolvido a partir de pesquisa sobre relativas no PLb, e o cotejo desses dados com dados do CSN. Seguindo o referencial teórico que se vê em Svartman et al. (2015) para o CSN, entre outros, comparamos a estrutura prosódica de orações com “onde” não interrogativo seguidas de “é que”, com orações relativas canônicas no PLb, a fim de ratificarmos a hipótese de que sentenças com “onde” não interrogativo seguidas de “é que” em PLb não sejam relativas livres. Nossa conclusão é a de que sentenças

com “onde” não interrogativo seguidas de “é que” no PLb são sentenças com marcação sintático-discursiva. Abaixo, repetimos a sentença (10), renumerada, enfatizando os elementos “é que” que seguem o pronome “onde” não interrogativo em PLb:

PLb – onde não interrogativo

(12) ... ficô ficô... *onde é que* tô vir que fareceu minha mulhê

Chamamos a atenção para o fato de que nossa análise ratifica a proposta vista em Svartman et al. (2015, p. 290-293), de que o elemento “é” em (12) não codifica as relações compatíveis com a cópula, nem o “que” as relações de complementizador ou de relativizador – Svartman et al. (2015, p. 290-293) ratificam a proposta que se vê em Jorge, Oliveira e Santos (2015). Dessa forma, seguimos a abordagem de Svartman et al. (op. cit.), entre outros, de que a sentença em (12) não deva ser analisada como uma estrutura clivada (biclausal) – os argumentos para não se analisar sentenças como (12) como “clivadas” são expandidos na proposta de Jorge, Oliveira e Santos (2015) e ainda em Santos (2015, p. 116-128), entre outros. Ratificamos, assim, que o “que”, em conjunto com o elemento “é” em (12) seja um “marcador morfossintático-discursivo”.

Pensamos que nossa abordagem acima acerca de dados como (12) em PLb ganha mais força se comparada à análise de Santos (2015) sobre a categoria “foco” no PLb. A seguir, apresentamos um exemplo do autor (op. cit.), enfatizando elemento focalizado, seguido dos elementos “ser que”:

PLb – Ordem Foc + ser + que (“foco não contrastivo”)

(13) *ele é que* começa a dar corrida<sup>17</sup>

Segundo Santos (2015, p. 125), a ordem Foc + ser + que é a ordem, em português, segundo a literatura, em que se apreende “foco contrastivo”. No entanto, sentenças como (13) em PLb, atestando essa ordem, não

<sup>17</sup> Santos (2015, p. 125; dado (41), renumerado). O grifo é nosso.

têm leitura de “foco contrastivo” (que contradiz uma informação dita anteriormente), mas sim leitura de “foco assertivo” (ou informacional). Chamamos a atenção para o fato de que sentenças com “onde” não interrogativo em PLb – como (12) – atestam a mesma ordem (onde + ser + que). Portanto, sentenças como (12) em PLb não atestariam “foco contrastivo”; no entanto, essas sentenças poderiam ser classificadas no conjunto das sentenças de “foco assertivo”, analisadas por Santos (2015; cap. 5).

Outro fato interessante que liga a análise que apresentamos neste trabalho à de Santos (2015), é que, ao conjunto das sentenças ditas “marcadas para foco” em PLb – como sentenças do tipo (13) – Santos (2015, p. 124-125) aponta uma assimetria, relacionada ao preenchimento (ou não) da categoria Co (complementizador): trata-se, segundo o autor (op. cit.), de sentenças em que “é” pode ser omitido. Observe o exemplo:

PLb – Foco + que  
(14) Luca que sabe<sup>18</sup>

Para Santos (2015, p. 124-125) – que ratifica Jorge, Oliveira e Santos (2015) – sentenças como (14) ligam-se ao conjunto das sentenças em PLb que marcam a categoria foco por meio da marcação “(é) que” no PLb. Assim, sentenças como (14) em PLb evidenciam o elemento sintático-discursivo “que” nessa variedade de português.

Ao final de nossas considerações, interessa-nos, portanto, apontar que, ao “desligarmos” o nosso estudo de sentenças com “onde” não interrogativo seguidas de “é que” em PLb – como (12) – ao processo de clivagem, nossa análise atrela o elemento “que”, que segue essas sentenças com “onde” não interrogativo em PLb, a um conjunto de pesquisas que atestam a ocorrência de um *highlighter* morfossintático em diversas línguas parcialmente e completamente reestruturadas, como apontado na subseção 1.1.1.

O *highlighter*, atestado das Américas ao Oceano Índico e que, segundo Holm (1980, p. 372-373), parece apontar para uma construção típica da África que “invadiu o mundo”, é um fenômeno sintático-discursivo e com a “aparência” do “que” de construções em (12) e (13) em PLb. Sem

<sup>18</sup> Santos (2015, p. 125; dado (39), renumerado). O grifo é nosso.



entrarmos nos detalhamentos apresentados por Oliveira (2014, p. 431-433) de que o *highlighter* não pode ser dito uma “... *típica construção da África que invadiu o mundo ...*”, é importante que se ratifique que o “que” *highlighter* tem também “traços universais”. O que queremos, portanto, enfatizar é que o elemento “que” que segue “onde” não interrogativo em PLb liga-se a um conjunto significativo de pesquisas ligadas ao contato linguístico em línguas reestruturadas no sentido de Holm (1980).

Nossa conclusão de que sentenças com “onde” não interrogativo seguidas de “é que” no PLb são sentenças com uma marcação discursiva não nos leva categoricamente, no entanto, a afirmar que essa marcação discursiva seja de natureza “foco”. Portanto, ratificamos o que já mencionamos anteriormente, de que está fora do escopo deste trabalho a investigação desse elemento discursivo no PLb, que merece maior estudo.

## REFERÊNCIAS

Alexandre N, Oliveira MSD. Caboverdiano e Português: cotejando estruturas focalizadas. In: Oliveira MSD, Araujo GA, Pilar Araújo PJ, organizadores. O Português na África Atlântica. São Paulo: HUMANITAS/FAPESP. No prelo.

Âmbar MM. Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em Português. Lisboa: Edições Colibri; 1992.

Andrade VM. Relatório final da pesquisa de Iniciação Científica: ‘Estratégias de Relativização no Português Falado no Libolo/Angola – um Estudo Inicial’. São Paulo: Universidade de São Paulo. Manuscrito; 2015a.

Andrade VM. Corpus Específico da pesquisa de Iniciação Científica: ‘Estratégias de Relativização no Português Falado no Libolo/Angola’. São Paulo: Universidade de São Paulo. Manuscrito; 2015b.

Angenot JP, Mfuwa N, Ribeiro MA. Imbumdu [H20] e umbundo [R10]. PAPIA, 2011;21(2):253-266.

Arends J, Muysken P, Smith N. Pidgns and Creoles: an introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins; 1994.

Arends J, Kouwenberg S, Smith N. Theories focusing on the non-European input. In:

Arends J, Muysken P, Smith N, editores. *Pidgins and creoles an introduction, Part II, Theories of Genesis*. Amsterdam: John Benjamins; 1994. p. 99-109.

Arends J, Bruyn A. Gradualist and developmental hypotheses: In: Arend, J, Muysken P, Smith N, editores. *Pidgins and creoles an introduction*. Amsterdam: John Benjamins; 1994. p. 111-120.

Bandeira M et al. “Projeto Libolo” – organização e metodologia para transcrições dos dados. Manuscrito; 2014.

Baptista M. *The syntax of Cape Verdean Creole - the Sotavento Varieties*. Amsterdam-Philadelphia. John Benjamins Publishing Company; 2002. vol. 54.

Besten H, Muysken P, Smith N. Theories focusing on the European input. In: Arendes J, Muysken P, Norval S, editores. *Pidgins and creoles an introduction*, Amsterdam: John Benjamins; 1994. p. 87-98.

Bickerton D. *Creole Languages and the Bioprogram*. In: Newmeyer F, organizadores. *Linguistics The Cambridge survey, 2* Cambridge: Cambridge University Press; 1988. Vol. 2. p. 268 - 284.

Braga ML, Kato MA, Mioto C. As construções-Q no português brasileiro falado. In: Kato MA, Nascimento M. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil. Volume III, A construção da sentença*. Campinas: Editora da Unicamp; 2009.

Brito AM, Duarte I. Orações relativas e construções aparentadas. In: Mateus MH et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho; 2003. p. 653-694.

Boersma P, Weenink D. Praat: doing phonetics by computer. 2012. Disponível em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>> .

Costa J, Duarte I. Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português. *Actas do XVI encontro nacional da associação portuguesa de lingüística*, Lisboa. 2001. p. 627-738.

Delgado CA. *Crioulos de Base Lexical Portuguesa como factores de identidades em África: o caso de Cabo Verde (subsídios para uma abordagem metodológica)*. Praia. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. 2009.

Delgado R. Ao sul do Cuanza: ocupação e aproveitamento do antigo reino de benguela. Lisboa: Imprensa Beleza; 1944b. Vol. II.

Figueiredo C, Santos EF. Construções [FOC+Q] no português do Município do Libolo, Angola. *Filologia e Língua Portuguesa*, 2014;16(1):209-231.

Figueiredo C, Oliveira MSD. Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. *Papia*, 2013;23(2):105-185.

Figueiredo C, Guimarães F, Oliveira MSD, organizadores. 'Projeto Libolo' - Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários. 1. ed. Lisboa: Chiado; 2016. v. 1.

Figueiredo C, Jorge LTL, Oliveira MSD. O clítico "lhe" em relativas do Português do Libolo, Angola: evidências de merge de beneficiário por traço edge. In: Society of Pidgin and Creole Linguistics e Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola, organizadores. Conference booklet - Graz, July 7th-9th 2015, 24-25. Graz: Universität Graz, Institut für Sprachwissenschaft. Disponível em: <[https://sprachwissenschaft.uni-graz.at/de/forschen/spcl-aclbpe-015/conference\\_ebooklet/](https://sprachwissenschaft.uni-graz.at/de/forschen/spcl-aclbpe-015/conference_ebooklet/)>. Acesso em 15/09/2016.

Guthrie M. The Classification of the Bantu Languages, London: Oxford University Press for the International African Institute; 1948.

Holm J. The creole 'copula' that highlighted the world. In: Dillard JL, editor. Perspectives on American English. The Hague: Mouton; 1980. p. 367-375.

Holm J. languages in contact – the partial restructuring of vernaculars. Cambridge: Cambridge University Press; 2004.

Holm J. Sixteenth-century evidence regarding the origins of the Capeverdean verbal marker -ba. Evidências seiscentistas sobre a origem do marcador verbal -ba do kabuverdianu. *Papia*, 2012;23(1):39-49.

Holm J, Inverno L. The vernacular Portuguese of Angola and Brazil: partial restructuring of the noun phrase. Comunicação apresentada no Encontro Anual da Associação: Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola, Université d'Orléans. 2005.

Jorge L, Oliveira MSD. 'Por que que é assim?' - Considerações sobre fronteamento de qu em línguas crioulas do Atlântico e no português do Brasil. *Papia*, 2012;22(2):253-277.

Jorge LT, Oliveira MS, Santos EF. O'sujeito' focalizado no português do Libolo e no cabo-verdiano (Barlavento). Trabalho apresentado no encontro da Society of Pidgin and Creole (SPCL) e Associação de Crioulos de Base Portuguesa e Espanhola (ACBLPE). Graz, Universität Graz; 2015.

Jun SA. *Prosodic typology: the phonology of intonation and phrasing*. New York: Oxford University Press; 2005.

Jun SA. *Prosodic typology II: the phonology of intonation and phrasing*. Oxford: Oxford University Press; 2014.

Ladd DR. *Intonational Phonology*. Cambridge: CUP; 1996.

Ladd DR. *Intonational phonology*. 2.ed. Cambridge: CUP; 2008.

Lopes FJ. *Para Uma Análise Sintática das Construções Relativas no Crioulo da Ilha de São Nicolau – Cabo Verde*. 2012. 157 f. Dissertação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

Lopes FJ, Zanoli ML. Considerações sobre foco na posição de sujeito no crioulo de São Nicolau. Trabalho apresentado no Congresso em conjunto da 13ª ACBLPE/7ª ABECS. Universidade de São Paulo. Manuscrito; 2012.

Lopes FJ, Zanoli ML. *Corpus de pesquisa de Mestrado para Experimento de Obtenção de Foco no Crioulo de São Nicolau*. Universidade de São Paulo. Manuscrito; 2013.

Lopes da Silva B. *O dialecto crioulo de Cabo Verde*. Cabo Verde: Imprensa Nacional; 1984.

Mioto C, Negrão EV. As sentenças clivadas não contêm relativas. In: Castilho AT et al., organizador. *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes; São Paulo: FAPESP; 2007. p. 159-184

Modesto M. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas; 2001.

Muysken P, Veenstra T. Universalist approaches. In: Arends J, Muysken P, Smith N, editores. *Pidgins and Creoles: An introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins; 1994. p. 121-134.

Nascimento M, organizador. *Gramática do português culto falado no Brasil – A construção da sentença*. Campinas: Editora da Unicamp; 2009. p. 241-289.

Negrão EV. As relativas livres no PB: efeito de conformidade categorial. *Anais de Seminários do GEL 2*; 1994. p. 1036-1042.

Oliveira MSD. Focus in Brazilian Portuguese. In: Petter MT, Vanhove M, organizadores. *Portugais et langues africaines. Études afro-brésiliennes*. Paris: Karthala; 2011. p. 75-121.

Oliveira MSD. DPs/WHs followed by highlighter in Atlantic restructured languages: a non cleft construction. In: *Papia 2014*;24(2): 401-421.

Oliveira MSD, et al. O conceito de português afro-indígena e a comunidade de Jurussaca. In: Avelar JO, Álvarez Lopes L, organizadores. *Dinâmicas afro-latinas: língua(s) e história(s)*. Frankfurt an Main: Peter Lang; 2015. p. 149-178.

Oliveira MSD, Holm J. Estruturas-QU fronteadas e o ‘foco gramaticalmente controlado’ – a participação de línguas africanas em línguas parcialmente e completamente reestruturadas. *PAPIA*, 2011;21(1):23-38.

Oliveira MSD, Zanoli ML, Andrade VM. “Onde” não interrogativo no português falado no Libolo (Angola) – cotejos com dados do cabo-verdiano de São Nicolau. Trabalho apresentado no Congresso Internacional da ACBLPE (Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola). Praia, Ilha de Santiago, Cabo Verde. 2016.

Pierrehumbert J. *The phonology and phonetics of English intonation*. [Tese] Massachusetts: Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology; 1980.

Pierrehumbert J, Beckman M. Intonational Structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*; 1986;3:255-310.

Ribeiro I. As sentenças relativas. In: Lucchesi D, Baxter A, Ribeiro I, organizadores. O português afro-brasileiro. Salvador, Bahia: EDUFBA; 2009. p. 185-206.

Santos EF. Sentenças marcadas para o foco no português do Libolo: uma proposta de análise derivacional. [Tese]. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2015.

Santos EF, Oliveira MSD. Aspectos da Categoria Foco no Português de Angola. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 2011;13(2):269-303.

Svartman FRF, et al. A partícula K' no cabo-verdiano de São Nicolau – o Estado da Arte. *Papia*, 2015;25(2):263-301.

Tarallo F. Relativization strategies in Brazilian Portuguese. [Tese]. Philadelphia: University of Pennsylvania; 1983.

Zanoli ML. A checagem de ‘foco’ da categoria sujeito no cabo-verdiano - variedade de São Nicolau. Muenchen: Lincom Europa. *Lincom Studies in Pidgin e Creole Linguistics*, 14; 2015.

---

Recebido em: 14/06/2016

Accito em: 11/09/2016

---